

Um reencontro em pleno com os insinuantes volumes de literatura infantil e juvenil de Ilse Losa

Cada vez mais viva e original, no que diz respeito às/ aos forma(tos) tanto verbais, como gráficas/os, a actual literatura portuguesa para a infância tem granjeado de um justo reconhecimento. Novos autores, jovens ilustradores, editoras e até livrarias que se dedicam à edição ou à comercialização em exclusivo (ou quase) de objectos estéticos que têm na criança e no jovem o seu destinatário preferencial têm vindo a distinguir e a contribuir para a consolidação desse sistema literário reconhecidamente criativo, em visível expansão e muito experimental que integra produções tão diversas como as que se situam nos três modos seminais da literatura (a narrativa, a lírica e o drama), bem como em muitos dos seus respectivos géneros e subgéneros (como o conto de autor, ilustrado ou em forma(to) de álbum narrativo, por exemplo), ou como outras que apresentam uma configuração híbrida e de difícil tipificação, como sucede, com alguns livros-objecto ou os “actividários”, por exemplo. Referimo-nos, como se depreende, a um cenário contemporâneo, que, em certos aspectos, se afigura substancialmente distante do que se constatava, por exemplo, em períodos cingidos por espartilhos políticos como o Estado Novo. Recorde-se que, em 1950, são promulgadas pormenorizadas *Instruções para a Literatura Infantil* pela Direcção dos Serviços de Censura, às quais se associou, exactamente na mesma linha, a própria Igreja, nomeadamente a Acção Católica Portuguesa, que, além de, no seu *Boletim*, ter publicado vários artigos sobre a “moral” da literatura e das leituras, inicia, a partir de 1957, a edição parcelar de fichas de apreciação “crítica” de livros para crianças disponíveis no mercado.

É, todavia, neste contexto que surgem alguns dos nomes mais relevantes da literatura e da cultura portuguesas, particularmente da literatura para a infância, um conjunto de autores que, em certos casos, viria a consolidar a sua actividade no pós-25 de Abril de 1974. Ilse Losa (1913–2006), juntamente com Irene Lisboa (1892-1958), Alves Redol (1911-1969), Papiniano Carlos (1918-2012), Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), Sidónio Muralha (1920-1982), Mário Castrim (1920-2002), Matilde Rosa Araújo (1921-2010), Maria Alberta Menéres (1930-), Maria Rosa Colaço (1935-2004) ou António Torrado (1939-), entre outros, integraram uma geração que primou pela renovação. Vozes seguras, honestas e dedicadas, reconhecidas precursoras, calcorreamos novos caminhos, por exemplo, no domínio da ficcionalização de eixos ideotemáticos que, ainda hoje, continuam a afigurar-se originais, não raras vezes, até, de cariz fracturante.

Ilse Losa é, a vários títulos, um caso singular. Como regista José António Gomes, «Fugida da Alemanha nazi, esta judia alemã soube dar corpo, em língua portuguesa, a uma literatura diferente que, não abrindo mão do sonho, se volta, sobretudo, para a realidade do dia-a-dia e para as vítimas de incompreensões e agressões de vários tipos, geradas por uma comunidade onde as clivagens sociais são notórias.»¹. Como em outro lugar expus², é autora de uma extensa e variada obra, de muitos livros de ficção, com múltiplas edições e reedições, e que compreende textos que vão desde o conto até ao teatro, fixando-se, sobretudo, no conto e na novela e passando, até,

¹ GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: MC/IPLB, p. 36.

² SILVA, Sara Reis (2013). «Entre o sonho e o real quotidiano: uma reavistagem do texto dramático de Ilse Losa» in *Actas do Seminário "Sob céus estranhos uma artista chamada Ilse" (Biblioteca Municipal de Esposende, 09 de Abril de 2013)*. Esposende: C.M.E., pp. 61-70.

pela produção pedagógica e, mesmo, pela coordenação da edição de obras de literatura infanto-juvenil. A Literatura Portuguesa, em especial a preferencialmente destinada às crianças e jovens, deve muito a Ilse Losa, àquela que, um dia, deixou na Alemanha o nome «Lieblich». Develhe, por exemplo, uma excelente tradução de *O Diário de Anne Frank*, a coordenação da colecção «Asa Juvenil» (das Edições Asa) e, muito particularmente, um legado literário singular e multifacetado³ no qual se encontram «insinuantes volumes de literatura infantil»⁴ – para utilizar a expressão de António José Saraiva e Óscar Lopes –, ou títulos como, apenas para citar alguns, *Faísca conta a sua História* (1949), a sua primeira narrativa dedicada aos mais novos, *Um Fidalgo de Pernas Curtas* (1958), *Beatriz e o Plátano* (1976), *O Príncipe Nabo* (1978), *A Minha Melhor História* (1979), *Na Quinta das Cerejeiras* (1981) – Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças Melhor Texto de 1980-1981 –, *Viagem com Wish* (1983) ou *Silka* (1984), por exemplo.

Na obra, objectivamente intitulada *A Escrita de Ilse Losa para a Infância e a Juventude*, que, agora, vem a lume com a chancela da Tropelias & Companhia e o entusiasmo do seu responsável, Professor Doutor João Manuel Ribeiro, e que tenho o prazer de prefaciar com estas breves palavras, muito dá Ana Cristina Macedo a ler sobre Ilse Losa. Aqui, reencontra-se em pleno e revisita-se exhaustivamente a “herança” literária dirigida à infância e à juventude dessa figura tutelar das letras. Este volume testemunha, na verdade, um percurso investigativo que deixa

³ Aliás, a obra de Ilse Losa estende-se ao romance, ao conto e à crónica (por exemplo, colaborou, com uma coluna mensal, no *Público*, desde o lançamento deste jornal, em 1990, até finais de 1992).

⁴ SARAIVA, António José e LOPES, Óscar (1987). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, p. 1135.

antever a ampla e segura preparação teórico-crítica da sua autora (importa lembrar que a versão primeira deste estudo corresponde a uma dissertação de Doutoramento em Estudos Portugueses apresentada à Universidade dos Açores em Setembro de 2015) e que vem colmatar a evidente parcimónia de estudos críticos ou de leituras sistemáticas acerca de Ilse Losa e da sua produção literária, reveladora, como preconiza Ana Cristina, da sua «visão distinta da criança» e, conseqüentemente, da sua «visão inovadora e arejada sobre o conceito de literatura infantil».

Estruturado com clareza e seguindo uma lógica essencialmente norteada pelas singularidades genológicas das obras de Ilse Losa, no presente estudo, após uma análise detalhada do «romance de recepção transgeracional» *O Mundo em que Vivi* (1949), como o apelida a investigadora, leitura crítica que ocupa um capítulo teoricamente sustentado por pertinentes referências bibliográficas acerca da escrita autobiográfica ou do eu e da *crossover fiction*, pode ler-se uma extensa secção dedicada à análise e interpretação textuais da obra narrativa da autora em pauta, distribuída/catalogada em dois subapartados – a saber «Narrativas de contornos realistas» e «Narrativas de contornos fantásticos ou do “imaginário”» –, seguida de um outro capítulo centrado na obra dramática ou nos volumes *O Príncipe Nabo da Nabolândia* (1962), *João e Guida* (1962) e *A Adivinha* (1967). Em «Lugar de Ilse Losa na Literatura para a Infância e a Juventude em Portugal», parte que antecede a conclusão, Ana Cristina Macedo apura-se na dilucidação dos traços da escrita da autora, elencando as «particularidades ideológico-temáticas», bem como os «procedimentos semântico-estilísticos» que a distinguem e que a permitem filiar no contexto de renovação coincidente com a década de 50 do século XX.

Ana Cristina, ao dedicar-se rigorosamente ao estudo integral da escrita de Ilse Losa para a Infância e a Juventude, reflectindo, explanando e comprovando sistematicamente o lugar e a presença desta autora neste sistema, formaliza, assim, um importante captítulo ou apartado da História da Literatura Portuguesa para a Infância e contribui, conseqüentemente, para aquilo que, pouco a pouco, tem vindo a ser concretizado por um conjunto já assinável de investigadores: além da legitimação do «estatuto do sistema literário infantil» – como deixa a autora escrito, logo no parágrafo de abertura do seu trabalho –, o preenchimento paulatino de notórias lacunas nos estudos literários historiográficos sobre aquele sistema.

É com muito gosto e proveito que se lê o presente volume, da autoria de Ana Cristina Macedo, docente, há largos anos, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e investigadora da Red LIJIMI e do IEL-C/inED. Resultante de uma investigação filiada academicamente, como mencionei, procurou (e bem) a autora que este seu trabalho não ficasse fechado na gaveta. Fez com que fosse publicado e com que, assim, se expandisse e a comunicação se celebrasse verdadeiramente. Quis a Ana Cristina que eu me juntasse a ela nesta publicação. É, muito agradecida por este privilégio, aqui estou, neste prefácio, associando-me à sua alegria de ver - agora sim - o seu moroso e desafiador trabalho de investigação ganhar um novo respirar e chegar a outros leitores, a outros investigadores, professores ou mediadores de leitura. Que, tal como nós, eu e tu, Ana Cristina, estes “outros” possam, seguindo a tua reflexão aturada, descobrir (ou saber mais sobre) Ilse Losa, essa admirável autora que, como deixou escrito Manuel António Pina, «nasceu-se desamparadamente a si mesma desenhando o mapa de uma nova vida,

uma nova língua, um novo nome. O rosto de Ilse Losa que esse mapa desenha é principalmente feito de livros, livros de ficção, mas também (e como poderia ser de outro modo?) de memórias»⁵.

Gafanha da Nazaré, 25 de Julho de 2017

Sara Reis da Silva

⁵ PINA, Manuel António (2010). «A Sombra de Outra Vida» in *Por Outras Palavras e Mais Crónicas de Jornal*. Porto: Modo de Ler, p. 101 (antologia seleccionada e organizada por Sousa Dias) (Crónica originalmente publicada em “Por Outras Palavras” – *Jornal de Notícias*, 10 de Janeiro de 2006).